

MEMÓRIAS DE BELO MONTE E SEUS DOIS TEMPLOS SAGRADOS: IGREJA DE SANTO ANTÔNIO, A VELHA E DO BOM JESUS, A NOVA

Jadilson Pimentel dos Santos*

Mestrando pela Escola de Belas Artes – Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Com a chegada do Conselheiro, em 1893, a Canudos, o arraial passou logo a ser conhecido com a nova designação de Belo Monte. Canudos transformou-se rapidamente numa das cidades mais populosas da Bahia. Construindo-se cerca de até doze casas por dia, a originalidade dessa cidade era a construção inteiramente diversa das outras cidades dos confins do sertão. Pautado em informações adquiridas em livros, documentos e imagens fotográficas, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre a memória e traçado da cidade de Belo Monte, bem como seus dois templos erguidos pelo Conselheiro que no final do século XIX desapareceram em virtude da guerra. Por último, serão interpretadas as soluções adotadas nessas construções religiosas, a fim de resgatar a memória do patrimônio do sertão de Canudos, que no decorrer dos tempos tem sido esquecida.

PALAVRAS-CHAVE: ARQUITETURA RELIGIOSA POPULAR. BELO MONTE. ANTÔNIO CONSELHEIRO.

RESÚMEN

Con la llegada de Conselheiro, en 1893 a Canudos, el arrayal pasó a ser conocido con la nueva designación de Belo Monte. Canudos se transformó rápidamente en una de las ciudades más pobladas de Bahía. Construyéndose cerca de hasta doce casas por día; la originalidad de esa ciudad era la construcción completamente distinta de las otras ciudades de los confines del sertón. Modelada a partir de informaciones adquiridas en libros, documentos e imágenes fotográficas. El presente artículo tiene como objetivo analizar sobre la memoria y trazado de la ciudad de Belo Monte, así como también sus dos templos erigidos por Conselheiro que a fines del siglo XIX desaparecieron a causa de la guerra. Por último, serán interpretadas las soluciones adoptadas en esas construcciones religiosas, a fin de rescatar la memoria del patrimonio del sertón de Canudos, que en el correr de los tiempos ha sido olvidado.

PALABRAS CLAVE: ARQUITECTURA RELIGIOSA POPULAR. BELO MONTE. ANTONIO CONSELHEIRO

Com o movimento das bandeiras sulcando os sertões em todos os rumos, fazendas de gado foram se estabelecendo pelo interior, do país, nos rincões mais despovoados, com base nas doações de sesmarias, localizadas ao longo do rio São Francisco, seu principal ponto de referência.

A penetração pelo território no rumo norte foi tanta que em pouco tempo já se praticava a pecuária no interior de alguns rincões do nordeste do Brasil. Apesar de serem numerosas na região do São Francisco as grandes fazendas que podiam rivalizar em tamanho com um país da Europa, sobressai dentre tantas, a de Garcia d' Ávila, a Casa da Torre. Agregando sesmarias adquiridas por requerimento, chegou a cobrir a cifra de 260 léguas de testada ao longo do rio, ou mais de mil quilômetros.

Foi essas terras pertencentes a essa casa, bem depois de ter sido desmembrada e ter entrado em decadência, que se veio a formar um arraial chamado Canudos.

As terras de Canudos que no passado foram recebidas em sesmarias para integrar a Casa da Torre não eram desertas e ali, já existia um povoado com esse nome. Situava-se à margem do rio Vasa-Barris, e postava-se na intersecção de várias estradas.

Após a instauração de Belo Monte, sobrepondo-se à Canudos preexistente, o panorama mudou de figura. Em um período de quatro anos, Belo Monte se tornaria um dos maiores núcleos populacionais do Estado. Segundo Macedo e Maestri (2006) “o termo adotado indica a valorização geográfica e simbólica da localidade, enquanto Canudos lembrava a decadência e o abandono”.

Para os adeptos e simpatizantes do líder religioso, o arraial de Belo Monte transformou-se numa espécie de “terra da promessa”, à margem da terra de todos os males, garantida pelo latifúndio e pela república.

A fama de Antônio Conselheiro, crescente no discurso dos vinte anos de peregrinação pelos povoados, vilarejos e cidades dos sertões, atraiu pessoas de inúmeras comunidades rurais baianas e de outros Estados nordestinos.

De acordo com Macedo e Maestri (2006) “em 1897, uma comissão de engenheiros militares ligados à expedição destruidora avaliou a existência de 5.200 casas, o que em média corresponderia a uma população de aproximadamente 26 mil habitantes”.

A distribuição do povoado assemelhava-se às demais comunidades do sertão. Porém no arraial de Belo Monte o forte crescimento populacional determinou uma apropriação aparentemente caótica do espaço habitado. Em geral, as casas possuíam quarenta metros quadrados de área. Eram feitas de barro e madeira, com dois ou três compartimentos, cobertas com folhas de plantas locais. Possuíam uma porta e pequenas aberturas laterais serviam de janelas.

Moniz (2002, p.45) relata que:

As casas construídas sem nenhuma uniformidade – umas de frente, outras de fundo, outras de lado – não obedeciam a qualquer alinhamento. Pareciam jogadas ao acaso, tumultuariamente, nas colinas cobertas de pedregulhos. Poder-se-ia comparar as casas de Canudos, sem homogeneidade, construindo uma aglomeração estranha e singular, às casas de Magritte. Mas o famoso pintor surrealista construiu na tela sua cidade de casas amontoadas intencionalmente. As de Canudos foram erguidas num terreno ondulante contornado pelo rio, espontaneamente, sem ordem, sem simetria, sem planejamento.

No centro do arraial localizavam-se as edificações mais importantes: a igreja velha e a igreja nova – inacabada – as casas comerciais e as mordias dos personagens mais importantes do lugar. Eram habitações maiores, melhor aparelhadas e distintas das demais por serem cobertas de telhas, superiores nas dimensões às habitações comuns.

Segundo Galvão (2001) “a rua principal de um lado só, na praça das igrejas ficou conhecida como a rua das Casas Vermelhas, assim chamada devido à cor das telhas, por isso destacando-se visualmente do conjunto”.

Já com relação ao mobiliário dessas casas, este era rústico e se reduzia a poucas peças. Pedacos de lenhas serviam de móveis improvisados. Suportes de madeira substituíam camas ou mesas. Havia ainda mesas de dormir, banquetinhas, cestos de palha trançada, recipientes de couro ou cabaça para guardar água e comia-se em recipientes fabricados em barro, madeira ou lata.

De acordo com Galvão (2001, p.43) :

As duas igrejas defrontavam-se de dois lados da praça. A primeira era de Santo Antônio ou Igreja Velha, cujo orago era epônimo do Conselheiro, mais antiga, benzida e inaugurada provavelmente em junho de 1893 coincidindo com o dia do santo. A segunda, a do Bom Jesus ou Igreja Nova, muito mais ambiciosa e de maiores proporções, que a conflagração impediria de chegar a termo. Mais tarde, diriam que o Conselheiro dera muros fortificados à Igreja Nova de propósito, já prevendo sua utilização como baluarte durante o futuro assédio.

O zoneamento urbano, o material com que era construída, tudo fazia com que a povoação quase se confundisse e se mimetizasse com o meio de onde se levantava. A distribuição não simétrica das casas e a comunicação feita através dos pátios e caminhos irregulares chocavam-se com o urbanismo racionalista das cidades, que procuravam seguir o modelo urbanístico europeu.

A configuração espacial de Belo Monte certamente ocasionava um impacto visual nos espectadores acostumados com as aglomerações ocidentalizadas do litoral. (Fotos 01 e 02).



Foto 01: Croqui esboçado por Euclides da Cunha, à vista de Canudos

Fonte: Caderneta de campo de Euclides da Cunha

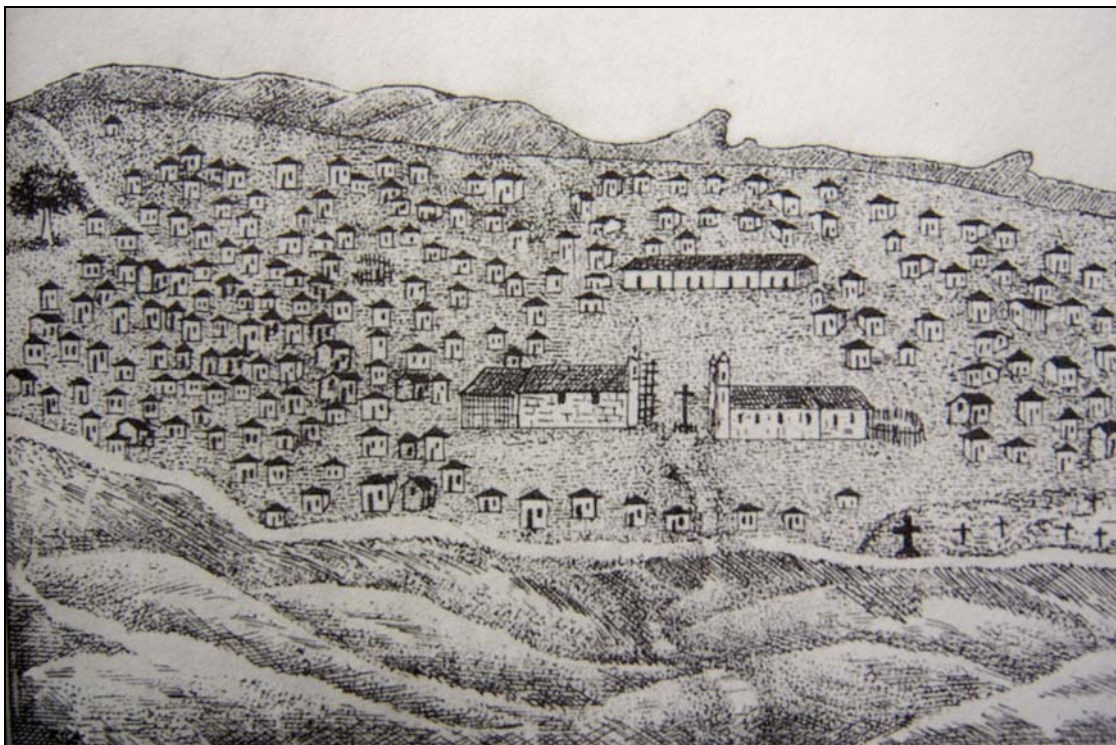


Foto 02: Vista de Canudos feita pelo acadêmico Martins Hórcades

Fonte: Descrição de uma viagem a Canudos

ARTE E HISTÓRIA DO ANTÔNIO CONSELHEIRO

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em Quixeramobim, no Ceará em 1830. Segundo Ornellas (2001), “este tinha o hábito de construir casas, e este hábito esteve presente na vida do Conselheiro, quando tentou reconstruir a imagem do pai para poder reconciliar-se com ela através das construções”.

Por seu repúdio à violência, amor à terra e ao trabalho, religiosidade e solidariedade aos mais fracos, Antônio, atraiu uma vasta população. Segundo Barros (1988), sendo um autodidata, limitado politicamente pelas fronteiras de seu mundo, este carregava perplexo a dor das injustiças de sua vida, o genocídio de um povo que, em suas esperanças, apenas tentava viver a palavra de Deus na terra: rezar, trabalhar e fazer o bem.

Antônio Conselheiro era fascinado pela construção ou reparo de igrejas e cemitérios. Sendo o pai mestre de obras, Antônio possuía, também, noções de construção.

Possivelmente foi influenciado pelo padre Ibiapina, lendário missionário que construiu templos e casas de caridades em vários Estados nordestinos. Antes de se fixar em Canudos, sua vida era feita de constantes andanças pelo sertão. Sempre seguindo pelas estradas, e sempre se oferecendo para construir e reformar igrejas, cemitérios e açudes em muitos lugares esquecidos e abandonados por onde passava. Entre os fiéis não faltavam voluntários para ajudá-lo nesse mister.

No que concerne às suas construções, seu universo circunscrevia-se a lugares longínquos do interior do nordeste, basicamente o sertão da Bahia, com algumas incursões a Sergipe.

Dentre as localidades nas quais Conselheiro edificou e reformou igrejas podemos destacar: Aporá, Biritinga, Canudos, Chorrochó, Crisópolis, Esplanada, Itapicuru, Nova Soure, Olindina e Rainha dos Anjos na Bahia, e Tobias Barreto e Simão Dias em Sergipe.

De acordo com Hoornaert (1998), o beato Antônio Conselheiro andava com a edificação de igrejas em seu pensamento, sendo que nelas enxergava possibilidades muito mais amplas que a imensidão dos sertões que percorria. Embora tivesse o dom especial de reunir pessoas e construir açudes, muros de cemitérios, canais de irrigação e cacimbas, o que gostava mesmo era de construir igrejas.

Em algumas de suas prédicas, editada por Nogueira (1978), Conselheiro fala com entusiasmo sobre a construção e edificação do templo de Salomão: “70.000 operários carregadores de material e 80.000 a cortar pedra nos montes e 3.600 feitores a inspecionar as obras, e 2.000 israelitas a andar pelo Líbano, cortando cedro e faias”.

Como se pode notar, este era o sonho que alimentava e enchia de esperança a todos: trabalhar com muita gente na construção da igreja.

Hoornaert (1998, p.16) comenta que:

A igreja é um reflexo terrestre do mundo divino. Torna esse conturbado mundo inteligível e até certo ponto aceitável, pois é lugar de real presença divina, o centro do mundo, onde tudo nasce. Suas pedras são cristalizadas de atividades celestes, sua torre eleva-se até a habitação de Deus. Antônio Vicente sonha com imensos espaços sagrados, imagina-se marchando em

direção ao indizível através de uma geometria traçada por suas próprias mãos. O templo de Salomão é modelo de um mundo geométrico que o Beato atravessa em seus sonhos. A tosca igreja de pedra é a “cidade de Deus” da qual os cristãos são as pedras. É o horizonte de sua própria compreensão do mundo. A igreja define o mundo.

Nesse sentido, as imprecações moralizantes de Antônio Vicente devem ser corretamente entendidas em relação ao fascínio religioso diante do qual todo o resto é apenas vaidade. Efetivamente, depois de anos de indecisão, a vida de Antônio Vicente, a partir de 1874, toma um rumo seguro através da construção de igrejas.

A Igreja Nova foi erguida, em Canudos, pouco tempo depois de Antônio Conselheiro ter se instalado, sob a direção do mestre de obras de nome Manoel Faustino.

De acordo com Calasans (2000) este último era mestre de obras e entalhador de altares, e, gostava, também, de esculpir rosas douradas nos retábulos que era a admiração do povo. Segundo ele, o grande artista messiânico, o Miguel Ângelo do Conselheiro, era um indivíduo de sessenta anos que se acostumou ao seu mister e fazia desse ofício o seu próprio consolo.

Antes da marcha definitiva para Canudos, o mestre Faustino estivera com o Conselheiro no arraial do Bom Jesus, atual Crisópolis, trabalhando na construção da capela local, levantada pelo beato Antônio Vicente Mendes Maciel.

Calasans (2000) afirma que Faustino, cujo nome de batismo era Manuel Faustino de Oliveira, casado com Agostinha Francisca de Oliveira acompanhou Conselheiro na sua marcha para o Vasa-Barris, mantendo-se firme em todos os momentos da guerra, e teria morrido de bala, o mesmo acontecendo com uma de suas filhas. Ainda, de acordo com esse autor, na sociedade articulada pelo Antônio Conselheiro, existiam outros artífices cujos nomes eram: Ricardo, Vítório, Mestre Carapina Preto.

IGREJAS DE BELO MONTE

Em Belo Monte existiam duas igrejas erguidas pelo Conselheiro e seu povo. Localizada no centro de Belo Monte, essas igrejas marcavam o espaço da cidade mais sagrado. Ao cair da tarde todos se dirigiam para esses santuários para professar seus credos, e dirigir suas preces aos céus.

As duas igrejas, nesse cenário, estavam situadas uma de frente para a outra. Tal resultado, segundo Toledo (1999) chega a ser emocionante. Para ele, a praça de Belo Monte é a Teotihuacan sertaneja. O paralelo com as ruínas do México é justificado pela disposição geométrica em que as duas igrejas se encontravam, pela amplitude da praça entre elas, longa, de 100 metros, contados entre uma fachada e outra, e pelo teor sagrado que um dia revestiu o local.

Dessas igrejas abordadas, existem apenas ruínas submersas no açude Cocorobó, concluído no final dos anos 60, e, que por sinal, inundou uma área extensa, cobrindo toda Canudos. A análise desses templos será feita, contudo, através de algumas imagens feitas pelo fotógrafo Flávio de Barros enviado em 1897 a Canudos, e que viveu o privilégio de documentar com uma câmera fotográfica, o episódio da guerra, e pela escrita de Euclides da Cunha em seu célebre livro Os Sertões.

Foi, também, nas igrejas, que concentrou-se a resistência conselheirista, em particular nos últimos dias de combate, quando, enfim, despencou o campanário da igreja velha. Extinto o último foco de resistência do arraial, as igrejas apresentavam-se furadas de balas, de tiros de canhão e com raras paredes em pé.

IGREJA DE SANTO ÂNTONIO, A VELHA



Foto 03: Fachada da Igreja de Santo Antônio, em Belo Monte
Fonte: Arquivo Histórico do da República – RJ.

A respeito da Igreja de Santo Antônio, há, contudo, controvérsias acerca do ano de seu término. Sendo a primeira erigida naquele cenário, esse santuário foi edificado no lugar onde existia uma pequena igreja quase em ruínas, erguida por gente da Torre de Garcia D'Ávila.

Segundo Fontes (2007), os freis Evangelista Do Monte Marciano e o padre Vicente Sabino, testemunharam o trabalho de conselheiristas na construção do templo do Bom Jesus, na praça das igrejas. Sendo assim, Canudos possuía, em 1896, quando foi deflagrada a guerra, um santuário e as Igrejas de Santo Antônio e do Bom Jesus, esta, não concluída.. O templo cujo oráculo era Santo Antônio, fora concluída nos primeiros meses de 1993,

idealizada pelo Conselheiro e sagrado pelo padre do Cumbe, Vicente Sabino dos Santos.

Já Pinheiro (2007) assevera que através da análise minuciosa da fotografia de Flávio de Barros, e devido a ampliação da referida fotografia, pode-se constatar através da inscrição que localizava-se na fachada, que o ano ali registrado, tratava-se de 1896. Sendo este o ano, resulta que a Igreja de Santo Antônio não estava pronta em 1893, como afirmam diversos estudiosos.

Apresentando uma fachada com três portadas, esse templo, lembra a estrutura simples de outra igreja do sertão: Igreja do Bom Jesus de Crisópolis edificada anteriormente.

Nela percebe-se uma estrutura frágil e delicada. Sua planta compacta apresentava-se direcionada para um pedestal encimado por uma cruz. Nesse pedestal lia-se a seguinte inscrição: “A.M.M.C.”, que significava, Antônio Mendes Maciel Conselheiro.

O uso recorrente do cruzeiro na frente da igreja, muito comum no interior, era comum nos templos da ordem franciscana.

Segundo Bazin (1983, p.151), “o culto franciscano pela paixão levou-os a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz que servia às procissões da via-sacra, especialmente durante a Semana Santa”, segundo esse autor o tema da cruz, possibilitava todo um desenvolvimento arquitetônico.

A fachada desse templo apresenta decoração em volutas graciosas que nos remete ao décor Barroco/Rococó. No eixo do frontispício, ergue-se sobre o topo da construção uma cruz de madeira.

No lado esquerdo, elevava-se uma compacta e graciosa torre-campanário, donde soavam as melodias do sino atraindo os fiéis para os momentos das preces. Contrapondo o pensamento e visão equivocada de Cunha (2002) que afirmava que a edificação de Santo Antônio era frágil, pequena, de aspecto modestíssimo, podemos constatar que tais idéias não se confirmam. Pelo contrário, erguida e talhada naqueles confins do sertão, levando em consideração as adversidades, pode-se concluir que esse templo configura-se como um milagre da arquitetura dos sertanejos.

IGREJA DO BOM JESUS, A NOVA



Foto 4: Fachada da Igreja do Bom Jesus, em Belo Monte
Fonte: Arquivo Histórico da República – RJ

Pelos relatos e documentos encontrados, esse templo não chegou a ser concluído. A igreja nova em cujas torres incompletas e andaimes encarapitavam-se os sertanejos para alvejar os inimigos, e que por sua vez consistia no alvo preferencial da fuzilaria e do canhoneiro dos soldados. Quando caiu enfim a igreja nova, no finzinho da guerra, houve grande manifestação de júbilo entre os soldados. Aproximava-se do desfecho da bizarra guerra que teve por centro essa igreja.

Talhada no centro da cidade, esse templo foi vítima de muitas discussões. Muitas pessoas que por Belo Monte passavam, diziam que a Igreja do Bom Jesus era uma construção de grande proporção e imponência.

A escrita de um dos grandes escritores do Pré-Modernismo, quando trata desse templo, é tomada de equívocos e preconceitos. Em sua obra *Os Sertões*, Cunha (2002, p. 184) afirma que;

Defrontando o antigo, o novo templo erguia-se no outro extremo da praça. Era retangular, e vasto, e pesado. As paredes mestras, espessas, recordavam muralhas de reduto.

Durante muito tempo teria essa feição anômala, antes que as duas torres muito altas, com ousadia de um gótico rude e imperfeito, o transfigurassem.

É que a catedral admirável dos jagunços tinha essa eloqüência silenciosa dos edifícios de que fala Busset...

Devia ser como foi. Devia surgir, mole, formidável e bruta, da extrema fraqueza humana, alteada pelos músculos gastos dos velhos, pelos braços débeis das mulheres e das crianças. Cabia a forma dúbia de santuário e de antro, de fortaleza e de templo, irmanado no mesmo âmbito, onde ressoariam mais tarde as ladainhas e as balas, a suprema piedade e os supremos rancores...

Delineara-a o próprio velho conselheiro. Velho arquiteto de igrejas, requintara no monumento que lhe cerraria a carreira. Levantava, volvida para o levante, aquela fachada estupenda, sem módulos, sem proporções, sem regras: de estilo indecifrável, mascarada de frisos grosseiros e volutas impossíveis cabriolando num delírio de curvas incorretas: rasgada de ogivas horrorosas, esburacadas de troneiras; informe e brutal, feito a testada de um hipogeu desenterrado; como se tentasse objetivar, a pedra e a cal, a própria desordem do espírito delirante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a memória de Belo Monte e suas igrejas, suscitou alguns pontos que ainda não tinham sido notados pelos historiadores da arte. A partir do momento em que se estudou essas construções, pode-se abarcar mais deduções a respeito do patrimônio histórico e artístico de Canudos, onde Conselheiro projetou, e edificou obras.

Resgatar o patrimônio do sertão de Canudos é vital para a história do nosso país, pois aquele lugar não era um refúgio de fanáticos, malfeitores e preguiçosos, imagem que muitos tentaram difundir. Pelo contrário, ali progredia uma cidade tranqüila, de habitantes que se dedicavam a todo tipo de ofício, inclusive o artesanato. Ali era o lugar e o refúgio de muitos camponeses que eram expulsos de suas terras e perseguidos. Belo Monte acreditava numa reino ideal, numa existência feliz e próspera.

REFERÊNCIAS

BARROS, Luitgarde O. C. *A terra da Mãe de Deus - Um estudo do Movimento Religioso de Juazeiro do Norte*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. Ed. MINCINL, 1988.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983. 2.v.

CALASANS, José. *O Estado-Maior de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Edições GRD, 2000.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

FONTES, Oleone Coelho. *O treme-terra: Moreira César, a República e Canudos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império de Belo Monte: Vida e Morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONIZ, Eduardo. *Canudos: a luta pela terra*. São Paulo: Global, 2001.

MAESTRI, Mário e MACEDO, José. *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. *Imagem do outro (e) ou imagem de si?* Salvador: Portfolium, 2001.

PINHEIRO, José Carlos da Costa. *Ano de 1896, término das obras da capela de Santo Antônio de Belo Monte?* Salvador: Portfolium, 2007.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. Canudos de volta. *Veja*, São Paulo, n. 6, p. 96-97, set.

* Mestrando em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes – UFBA, especialista em Arte Educação, Iluminação e Design de Interiores e graduado em Decoração e Licenciatura em artes Visuais.